

FLUXOS MIGRATÓRIOS DE BRASILEIROS EM PORTUGAL: O RETORNO E A “NOVA VAGA DOS EM VIAS DE QUALIFICAÇÃO”

JULIANA CHATTI IORIO*

SUELDA DE ALBUQUERQUE FERREIRA**

RESUMO

Este artigo resulta de dois projetos de Doutorado em desenvolvimento no Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa (Portugal), os quais têm como objetivo perceber os processos de imigração e retorno dos imigrantes brasileiros em Portugal e compreender as trajetórias de mobilidade dos estudantes brasileiros do ensino superior nesse país, tendo como base a análise de fontes secundárias de informação e os dados do Projeto THEMIS – *Theorising the Evolution of European Migration Systems*. Pretende-se, dessa forma, fornecer algumas “pistas” sobre quais as causas do retorno dos brasileiros de vagas mais antigas em Portugal e por quais motivos os estudantes brasileiros do ensino superior, ou, como chamou Rocha (2010, p. 233), imigrantes “em processo de maior qualificação”, têm escolhido Portugal, constituindo-se como “novos” e distintos atores no cenário da imigração para esse país, aprofundando o conhecimento de quais fatores macro, meso e micro podem motivar esses tipos de mobilidade.

PALAVRAS-CHAVES

Migração. Mobilidade Estudantil. Portugal. Brasil. Retorno.

ABSTRACT

This article is the result of two doctorate projects in progress at the Institute of Geography and Spatial Planning of the University of Lisbon (Portugal), which aims to understand the immigration processes of brazilians in Portugal and their return to Brazil, as well as to address the mobility trajectories of brazilians students (higher education) in this country, based on the analysis of secondary sources and data from the THEMIS Project - *Theorising the Evolution of European Migration Systems*. The article aims both to provide some “clues” about the motives for the return of brazilians from older immigration trends in Portugal and to point out the

* Juliana Chatti Iorio é jornalista, doutoranda em Migrações pelo Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT) da Universidade de Lisboa (UL) e bolsista de Doutoramento pela Fundação para Ciência e a Tecnologia (FCT) em Portugal. É mestre em Comunicação e Indústrias Culturais pela Universidade Católica de Lisboa e especialista em Estudos Avançados em Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa. Foi jornalista, durante cinco anos, para o Alto-Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural em Portugal. Nesse momento estuda as “Trajetórias de mobilidade estudantil internacional: estudantes brasileiros no ensino superior em Portugal”.

** Suelda Albuquerque Ferreira é especialista em Psicologia Social, doutoranda em Migrações pelo Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT) da Universidade de Lisboa (UL) e bolsista de Doutoramento pela Fundação para Ciência e a Tecnologia (FCT) em Portugal. É mestre em Geografia também pela UL e Investigadora do Centro de Estudos Geográficos (CEG-UL), Núcleo Migrações, Espaços e Sociedades (MIGRARE). Nesse momento estuda “Migrantes Brasileiros entre Portugal e Brasil - Imigração e Retorno: dois processos complementares?”.

reasons why brazilians students in higher education, or, put differently, “in process of higher qualification” (ROCHA, 2010, p. 233), have chosen Portugal, constituting themselves as “new” and different actors in the country’s immigration scenario, deepening the knowledge on the macro, meso and micro factors that can motivate these types of mobility.

KEYWORDS

Migration. Student Mobility. Portugal. Brazil. Return.

INTRODUÇÃO

As migrações internacionais, nas últimas décadas, têm mantido um lugar de destaque no cenário mundial. O número de pessoas que se deslocam de um país para outro atinge hoje, de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU, 2012), cerca de 232 milhões de migrantes internacionais (3,2% da nação), e 59% moram em áreas desenvolvidas. Em relação à migração estudantil, em 2009, dos migrantes internacionais, três milhões eram estudantes (OCDE *apud* BELTA, 2009). Esse número tem aumentado 14,5% ao ano, e a previsão é de que, até 2025, chegue a 10 milhões, representando um crescimento de 233% em 16 anos.(BELTA,2009)

Em Portugal, a imigração brasileira esteve dividida em duas vagas: a primeira, que aconteceu entre as décadas de 1980 e 1990, tratou-se de uma imigração qualificada proveniente de diversos Estados, incluindo, entre outros, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Pernambuco; e a segunda, que ocorreu a partir de finais dos anos 1990, e foi particularmente uma imigração não qualificada proveniente em sua maioria dos Estados de Minas Gerais e Paraná, mas também Espírito Santo, São Paulo e Goiás (MALHEIROS, 2007; FONSECA et al, 2010).

No entanto, fatores macro, como a crise econômica mundial a partir de 2006, a qual afetou negativamente o contexto econômico de vários países de destino da emigração brasileira, como Portugal, vêm determinando o retorno dos brasileiros desse país (SIQUEIRA, 2009). Ainda outros fatores de ordem macro (como as políticas migratórias, a facilidade no reagrupamento familiar e o acesso à nacionalidade, por exemplo), micro (como as questões linguísticas e as estratégias familiares, por exemplo) e meso (como as redes migratórias) também podem motivar o retorno, bem como o estabelecimento de novos fluxos migratórios.

Por isso, apesar do aumento nos pedidos de apoio ao retorno voluntário dos muitos brasileiros que já se encontravam em Portugal (OIM, 2012) observa-se que novos imigrantes dessa nacionalidade continuam a chegar e, entre eles, verifica-se um crescimento notável no número de estudantes do ensino superior (FONSECA E HORTAS, 2011).

Deste modo, este artigo pretende, por meio de uma breve contextualização histórica e da análise de dados a algumas fontes secundárias de informação e entrevistas realizadas pelo Projeto THEMIS, perceber quais os motivos de ordem macro, micro e meso que influenciam o retorno dos brasileiros em Portugal, bem como a chegada de estudantes brasileiros do ensino superior para esse país.

1. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA EMIGRAÇÃO BRASILEIRA

1.1. Brasileiros no mundo a partir da década de 1980: o que os fez emigrar?

Segundo Carvalho (1996), o Brasil, desde meados da década de 1980, deixou de ser um país tradicionalmente receptor de imigrantes para se tornar maioritariamente um país de emigrantes, ou seja, “expulsor” de brasileiros, havendo uma clara modificação na direção dos fluxos migratórios. Diante de uma economia estagnada, o Brasil iniciou uma diferente circulação da população – a imigração internacional. Esse fenômeno atingiu, também, muitos outros países da América do Sul. Considerada como a “década perdida” dos 1980 (SALES, 1995), pela recessão da economia, falta de emprego, taxas de inflação crescente, falta de segurança, para além do fator político, a sociedade brasileira se mobilizou para recuperar a democracia e conquistar a cidadania.

Entre os anos de 1970 e 2000, de acordo com Mazza (2008), 16.000 brasileiros, das áreas das Ciências Humanas, Exatas e Biológicas, oriundos de diferentes Estados e instituições, realizaram parte da sua formação profissional com bolsa de estudos em outros países. Os recursos públicos às bolsas no exterior representaram uma ampliação das possibilidades de brasileiros de diferentes classes, áreas, instituições e regiões circularem internacionalmente, e as viagens internacionais, antes reservadas a uma elite econômica e/ou relacional, estenderam-se a universitários com projetos de formação profissional.

Os Estados Unidos da América (EUA) têm sido o principal polo de atração dos emigrantes latino-americanos, mas também de muitos brasileiros com perfis diferenciados (MARTES, 1999). Se, por um lado, a maioria são jovens, oriundos de classe média, que ingressaram clandestinamente no país e passaram a exercer trabalhos de baixa qualificação, por outro lado, esse também é o principal destino dos jovens universitários brasileiros. Para muitos, o desejo de alcançar uma vida melhor e o sonho de comprar a casa própria ou de simplesmente ter um carro fizeram que se submetessem a qualquer tipo de trabalho (trabalhos que, dificilmente, fariam no Brasil) (BÓGUS, 1995 e 1997; SALES, 1995). Para outros, o investimento na formação acadêmica é a oportunidade de, no futuro, terem melhores perspectivas de emprego (KING, R. *et al.*, 2010).

No entanto, por causa dos atentados nos EUA, em 11 de setembro de 2001, a lei de imigração norte-americana passou a ser também um assunto de segurança nacional, tornando ainda mais restritiva a entrada de estrangeiros no país. Adicionalmente, a crise financeira que assolou os EUA no início de 2006, atingindo diretamente o setor imobiliário, afetou, consequentemente, muitos postos de trabalho, diminuindo os ganhos, principalmente de muitos imigrantes que trabalhavam na construção civil. É nesse contexto que muitos decidem regressar aos seus países de origem (SIQUEIRA, 2009).

Porém, é também a partir de 2001 que a criação de uma nova forma de intercâmbio por meio de “parcerias universitárias” e “consórcios de universidades” no Brasil vem acelerar a inserção internacional das universidades brasileiras, originando programas bilaterais que financiam projetos conjuntos de pesquisa e outros programas bilaterais que financiam parcerias universitárias (ZAMBERLAN *et al.*, 2009). Por isso, não se pode descurar dos estudos, com vistas à formação de quadros qualificados, ao fomento à pesquisa e aos investimentos em Ciência e Tecnologia, no horizonte da circulação internacional (MAZZA, 2008).

1.2. Brasileiros na Europa a partir da década de 1980: o que os levou a Portugal?

Mas o processo de globalização na década de 1980 também contribuiu para que muitos fluxos migratórios fossem em direção ao continente europeu. Segundo Padilla (2009 *apud* PADILLA e XAVIER, 2009,p.29), “a globalização tem contribuído para que a Europa tenha se tornado num destino por excelência da imigração, incluindo latino-americanos”. Martínez Buján (2003) também refere o recente fenômeno de “latino -americanização” da imigração na Espanha e, igualmente, fala-se da “ibero -americanização” dos fluxos migratórios na Península Ibérica (PADILLA, 2006) e da “brasiliанизação” dos fluxos em Portugal. Essa mobilidade está ligada à dinâmica do capitalismo, à internacionalização dos mercados de trabalho e ao progresso das novas tecnologias nas áreas da comunicação e transportes, fatos que têm ocasionado um fortalecimento do espaço transnacional.

Segundo Bogus (1997), a emigração brasileira para a Europa na década de 1980 ocorreu, em sua maioria, em razão de fatores históricos, de laços culturais e de sangue, derivados da “emigração colonizadora”, com predomínio dos fluxos provenientes de Portugal, Espanha, Itália e Alemanha. Aliada aos traços culturais, a entrada de Portugal na Comunidade Econômica Europeia (CEE) também foi responsável por atrair emigrantes brasileiros de diferentes idades, sexos, níveis de escolaridade e trabalho para esse país:

A entrada na CEE em 1986, que injetou muitos milhões de EURO em Portugal, contribuindo para a dinâmica da economia portuguesa entre meados dos anos 1980 e o início do século XXI , apoiada em setores como as obras públicas, o comércio – a beneficiar uma forte expansão do consumo ampliada pela generalização dos mecanismos de acesso ao crédito – e os serviços financeiros, deu um contributo

relevante para esse processo. Efetivamente, a modernização das infraestruturas nacionais (redes de transportes, equipamentos de níveis regional e nacional...) associada à transição para uma economia de serviços e a algumas mudanças sociais tais como o crescimento limitado, mas importante, dos níveis de qualificações dos jovens, criaram as condições necessárias para atrair um grande número de imigrantes. (MALHEIROS, 2007, p. 17)

Desse modo, entre os anos 1980 e 1990, a imigração brasileira em Portugal esteve em contínuo crescimento, passando da chamada “primeira vaga”, que envolveu menos pessoas e que era caracterizada por maiores níveis de estudo e qualificação, a uma “segunda vaga”, mais numerosa e variada, com um expressivo número de indivíduos menos qualificados (PEIXOTO, 2007; PADILLA, 2004). Efetivamente, os dados relacionados aos brasileiros em Portugal demonstraram mudanças importantes na segunda metade dos anos 1990, principalmente após 1998/1999, quando os números da imigração duplicaram (207.607 em 2000; 413.304 em 2002).

Em 2004, os brasileiros passaram a ser o principal grupo de estrangeiros em Portugal, com 66.721 indivíduos (contabilizando autorizações de residência e autorizações de permanência, os título existente na altura) e ainda hoje é a principal comunidade estrangeira em Portugal, com um efetivo de mais de 105.622 pessoas em 2012 (SEF). No entanto, a partir de 2008, ano em que foi sentenciada a falência do banco norte-americano Lehman Brothers, teve início uma vaga de recessão econômica por todo o mundo, afetando, em especial, a União Europeia. Isso levou a um alto nível de endividamento público de países como Grécia, Portugal, Espanha, Itália e Irlanda e, em Portugal, a percentagem de desemprego aumentou, passando de 8,1% em 2007 para 12,9% em 2011. Entre os imigrantes o desemprego foi ainda maior, passando de 9,6% para 17% no mesmo período.

Com a evidência da escassez de emprego que tem afetado também a população imigrante no país, tem-se notado um declínio na atração e, por conseguinte, um aumento do retorno, estimulando um movimento expressivo de regresso dos imigrantes que já estavam em Portugal e, entre eles, de muitos brasileiros.

Por outro lado, Portugal tem adotado medidas que têm estimulado a internacionalização do ensino superior e da investigação e “tem havido um crescimento significativo no número e na proporção de bolsas de doutoramento e pós-doc dado a alunos estrangeiros, com particular relevância para os brasileiros” (FONSECA e HORTAS, 2011, p. 99 - 100).

Sabemos, portanto, que até fins de dezembro de 2012, a população estrangeira residente em Portugal contabilizava 417.622 residentes e a comunidade brasileira ainda era a mais representativa, com um total de 105.622 residentes, decrescendo, no entanto, 5,22 % em face ao ano de 2011.

Principais Nacionalidades – Stock

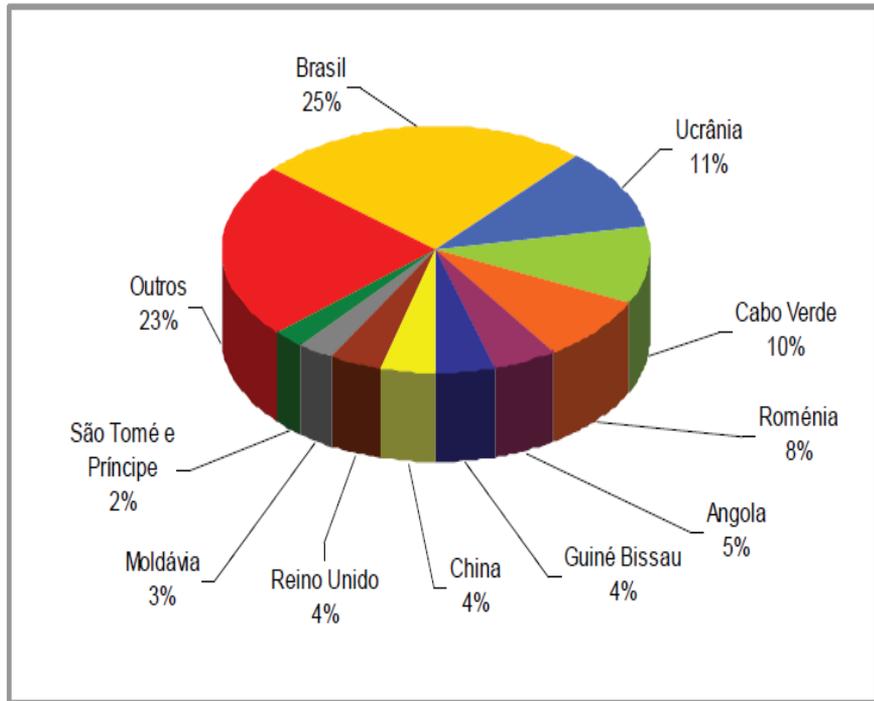


Figura 1. População Estrangeira por Nacionalidade-Stock

Fonte: Relatório do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras de Portugal 2012

2. O RETORNO DOS IMIGRANTES BRASILEIROS

A ideia do retorno está implícita no projeto de migrar nas sociedades de origem e destino (SAYAD, 2000). Na migração, as funções realizadas pelos imigrantes no decorrer da sua experiência individual e social adotam, frequentemente, um raciocínio temporal de caráter provisório, sugerindo Sayad que o retorno é um fator, de alguma forma, inerente à condição de migrante, uma ideia indissociável do fenômeno migratório nas sociedades de imigração e emigração. Como ainda argumenta Sayad, o projeto de deslocamento assume um sentido de “temporário”¹, o qual termina em um ritual manifestado e finalizado no retorno.

Entre os anos de 2007-2008, com o agravamento da crise econômica, evidenciada por períodos de crescimento econômico lento e mesmo de estagnação ou recessão, em consequência do crescimento do desemprego, as condições de inserção social e profissional dos imigrantes em Portugal foram se tornando mais difíceis. Isso fica claro quando verificamos que o número de desempregados registrados com a nacionalidade brasileira subiu de quase 4.700, em 2007, para cerca de 10.400, em 2009 (IEFP, 2012)², e também quando se observa que o número de pedidos feitos por brasileiros ao Programa de apoio ao Retorno Voluntário (PRV) no âmbito do programa de apoio da OIM³ subiu de 220, em 2007, para 1.519, em 2010, 1.839, em 2011 e para mais de 1.214, até setembro de 2012.

No entanto, será que podemos dizer que somente os fatores de ordem macroestrutural citados acima são os responsáveis pelos projetos de retorno?

2.1. O que pode motivar o retorno? Evidências Empíricas

A ocorrência ou não do regresso ao país de origem está ligada a fatores não só de ordem socioeconômica, como também de ordem individual.

O anseio de estar com a família, com os amigos, ou mesmo o desejo de voltar às origens (motivações já referidas por DEBIAGGI, 2004) foram os fatores de ordem individual referidos por alguns dos entrevistados pelo Projeto THEMIS:

“(...) eu prefiro aqui (Brasil) porque eu tenho liberdade, eu tenho meu povo, minhas, meus parentes, minha igreja, eu tenho tudo aqui. Lá (Portugal) eu não tinha isso, minha família, minha esposa é em primeiro lugar, mais os amigos lá num tinha né.” (Ronaldo, retornou para Itueta-MG em 2010)

“(...) foi por motivo, igual eu falei no princípio também, que também foi a força maior. Minha mãe adoeceu, inclusive até faleceu, minha mãe adoeceu, meu filho também se ingressou na polícia militar, meu outro filho também estava prestes a casar, então eu vim na intenção de voltar, né eu vim pra fazer isso tudo aí e voltar...” (Clemilde, retornou para Teófilo Otoni-MG em 2009)

Mas quando um conjunto de objetivos é alcançado, como a aquisição de bens para uso próprio (casa, carro etc.) ou o aumento de renda, que pode significar maior poupança e, conseqüentemente, um melhor nível de vida futura no país de origem, tais conquistas também podem motivar o retorno:

“Foi nos últimos dois anos, quando eu já tinha um projeto de voltar, foi que eu comprei um apartamento, localizado perto da casa dos meus pais, mas foi nos últimos dois anos. Foi quando eu decidi: ‘Vou...’” (Maria, retornou para Campinas-SP em 2010)

Segundo Tuan (1983), o lugar modifica as vivências e os desejos de cada indivíduo. Dessa forma, as experiências vividas pelos migrantes na sociedade de destino proporcionarão atributos que podem apoiá-los na vida pessoal e profissional, facultando, por exemplo, uma melhor situação econômica e social, capaz de contribuir para sua reinserção no país de origem:

“(...) eu tava aqui há 20 dias, fiquei duas semanas de férias, comecei a procurar emprego e arrumei muito rápido. Esse é meu primeiro emprego na minha área e eu ganho 4 vezes mais do que meus amigos em Portugal. Então eu noto que pra eu começar aqui foi a melhor escolha que eu fiz. Eu ganho muito mais do que meus colegas do meu curso...” (Dinorá, retornou para Campinas-SP em 2011)

“(...) Mas eu voltei pra cá não foi nem pela parte financeira... se eu tivesse ficado lá, não ia ficar rico mas teria uma vida, assim, boa... Mas eu acho que aqui eu vou ter mais campo, minha vida vai ser mais longa a nível profissional, ainda mais que eu vou voltar no segundo semestre a trabalhar um dia ou dois só (com Odontologia), mas eu não quero aquele compromisso todo.” (Pedro, retornou para Campinas-SP em 2010)

As componentes referidas acima são peculiares ao migrante e fazem parte desse processo de fatores internos, ou de ordem individual (como a fase do ciclo de vida e a composição e estratégias familiares) e externos, ou de ordem macroestrutural, tanto no país de destino (como a situação econômica, a política migratória, a facilidade no reagrupamento familiar, o acesso à nacionalidade etc.), quanto no país de origem (como o estímulo à captação de poupanças, a facilitação do investimento e programas de inclusão no mercado de trabalho) (FERREIRA, 2012). São, portanto, esses fatores que podem servir de estímulos (motivações) para o regresso dos imigrantes ao país de origem.

Fontes secundárias de informação, como os dados da OIM (2012), revelam que o número de candidatos inscritos no PRV, em Portugal, cresceu (Figura 2) ⁴. Dos 1.791 estrangeiros que se apresentaram ao PRV em 2010, a grande maioria era de origem brasileira (1.519 cidadãos – quase 85%). Em 2011, esse número aumentou substancialmente, chegando aos 2.014 candidatos inscritos, dos quais 1.839 eram brasileiros. Em contrapartida, em 2012, houve um decréscimo no número de inscritos, o que pode indicar uma diminuição no fluxo de entrada de estrangeiros em Portugal.

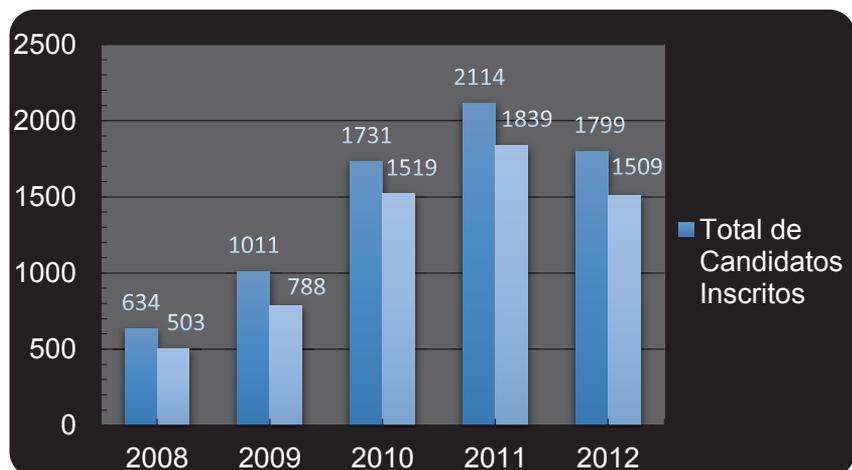


Figura 2. Candidatos inscritos (total e brasileiros) no Programa de Apoio ao Retorno Voluntário da OIM (Lisboa)

Fonte: Base de dados da Organização Internacional das Migrações (OIM).

Para além dos indicadores da OIM, declarações de imigrantes e de associações brasileiras de imigrantes a investigadores e à imprensa apontam para um aumento, pelo menos até 2011, do número de retornos.

No que se refere ao número de candidatos brasileiros segundo o sexo, o PRV, (Figura 3) mostra que os candidatos inscritos até 2011 eram predominantemente do sexo masculino. Os dados referentes a 2012 apontam uma ligeira mudança em relação ao número de mulheres inscritas (338), que passa a ser superior ao número de candidatos masculinos (306).

Aqui é importante ressaltar que, apesar de a comunidade brasileira residente em Portugal ser mais feminizada, há uma sobrerrepresentação dos candidatos masculinos com benefício do PRV.

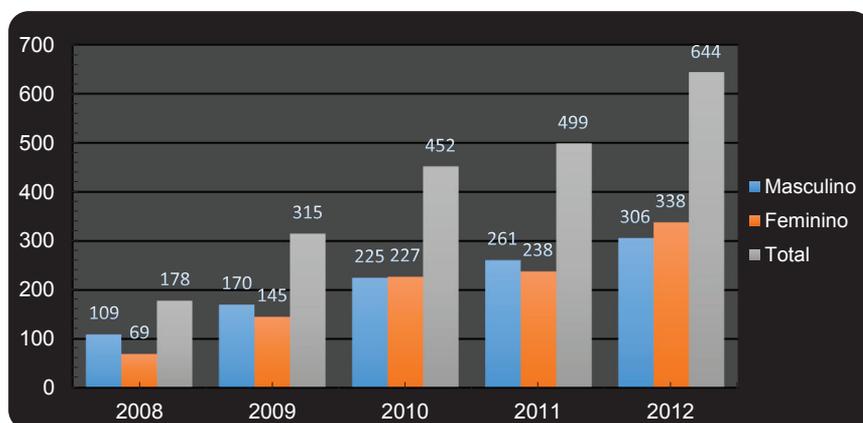


Figura 3. Candidatos brasileiros inscritos no âmbito do Programa de Retorno apoiado pela OIM segundo o sexo

Fonte: Base de dados da Organização Internacional das Migrações (OIM).

Por isso, pode-se afirmar que o retorno passa a ser uma opção mobilizável para os imigrantes quando há perda expressiva nos ganhos, verificando-se uma diminuição do movimento migratório e uma intensificação dos regressos.

3. OS ESTUDANTES BRASILEIROS DO ENSINO SUPERIOR EM PORTUGAL

Historicamente, a emigração de universitários do Brasil para Portugal não é novidade. Segundo Rocha (2010), é percebida desde 1700, com maior incidência na região de Coimbra. No entanto, e apesar de ainda não existirem dados capazes de explicarem os motivos do aumento substancial nesse tipo de fluxo para Portugal nos últimos anos, a análise de algumas evidências empíricas nos dão alguns indícios do que pode estar acontecendo.

Sabemos, contudo, que a migração estudantil, apesar de ter sido durante muito tempo negligenciada, trata-se, também, “de uma forma incrivelmente

importante de mobilidade na Europa” (KING, 2002, p. 98). No entanto, até 2010, de acordo com Brooks e Waters (2010, p. 144), a maioria dos estudos feitos sobre esse tema “concentrou-se em migração de leste a oeste e, em particular, sobre o movimento de países asiáticos para destinos anglófonos como EUA, Canadá, Austrália e Reino Unido”. Porém, no último trimestre do século XX, as migrações internacionais têm experienciado mudanças profundas, principalmente no que diz respeito aos países de origem e destino, e o continente americano tem-se destacado como uma das principais regiões de origem (ARANGO, 2003).

Por isso, na atual conjuntura mundial, analisar a mobilidade dos estudantes do continente americano, com especial atenção para os brasileiros, não é só interessante, como também necessário para compreendermos a composição dos fluxos migratórios da atualidade.

3.1. O que pode motivar os estudantes? – Evidências Empíricas

De acordo com os dados da Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC), no ano letivo de 2010-2011, dos 396.268 estudantes inscritos no ensino superior português, 21.824 (5,5%) eram estrangeiros. Destes, 5.335 (24,44%) eram de nacionalidade brasileira, ou seja, nesse ano o Brasil foi o país que mais enviou estudantes do ensino superior para Portugal, seguido por Cabo Verde, com 3.359 (15,39%), e Angola, com 3.129 (14,33%) (Figura 4). Em 2011-2012, manteve-se a tendência de crescimento do número de estudantes brasileiros, chegando aos 7.082 inscritos. É interessante observar que até 2008-2009, o número de estudantes angolanos e cabo-verdianos matriculados no ensino superior português era superior ao dos brasileiros. Essa tendência apenas se inverteu nesse ano.

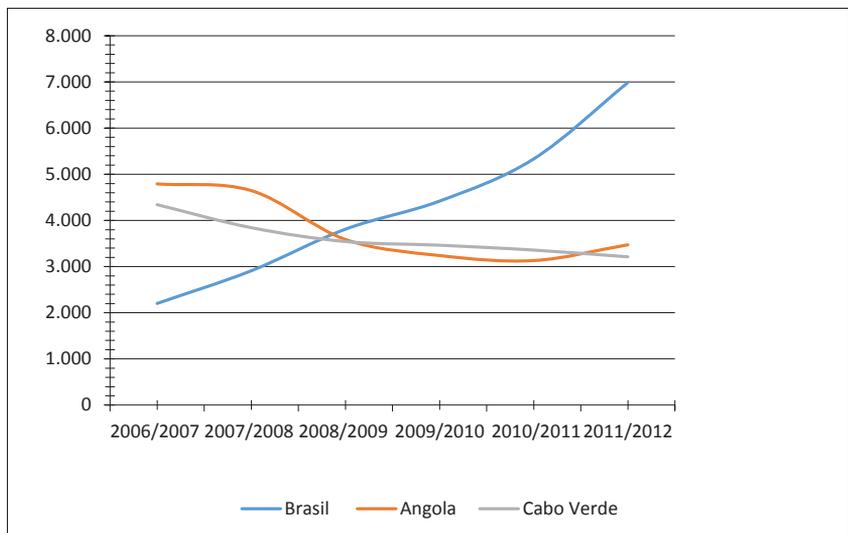


Figura 4. Evolução comparada dos estudantes brasileiros, cabo-verdianos e angolanos, matriculados no ensino superior português (2006/2007 – 2011/2012).

Fonte: Inquérito aos alunos inscritos e diplomados do ensino superior, DGEEC, SEF 2012.

Os dados da DGEEC também revelaram que, em 2011-2012, 3.211 estudantes brasileiros estavam cursando uma Licenciatura/Graduação (1º ciclo) em Portugal, seguido pelo Mestrado/Pós-Graduação (2º ciclo), com 1.736 inscritos, e posteriormente pelo Doutoramento/Pós-Graduação (3º ciclo), com 1.340 estudantes (Figura 5).

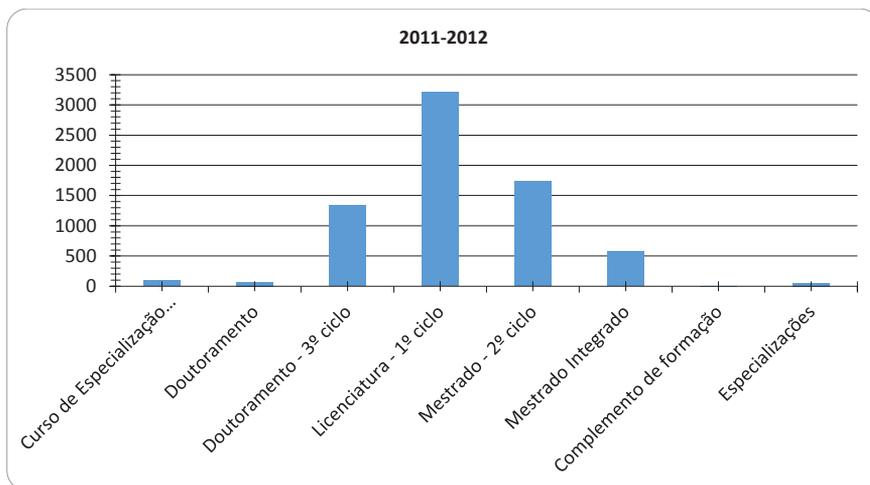


Figura 5. Alunos de nacionalidade brasileira inscritos no ensino superior português, por nível de formação.

Fonte: Inquérito aos alunos inscritos e diplomados do ensino superior, DGEEC.

O fato de um maior número de estudantes universitários brasileiros estarem cursando uma licenciatura em Portugal pode estar relacionado com o Programa do Governo Federal Brasileiro “Ciências sem Fronteiras”, lançado em 2011. Até junho de 2014, Portugal havia recebido 3.113 estudantes brasileiros por meio desse programa, sendo a “Graduação Sanduíche” – modalidade que permite ao aluno cumprir parte da sua carga horária no Brasil e completar os estudos em outro país – a que teve o maior número de bolsas atribuídas, 2.123. Apesar disso, um estudo da DGEEC havia revelado em 2012 que, embora a licenciatura seja o nível de formação mais frequentado pelos estudantes oriundos da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) em Portugal, a procura por cursos de Mestrado e Doutoramento têm aumentado nos últimos anos, com destaque para o Brasil, que é o país que, em termos percentuais, mais inscritos possui em cursos de Doutoramento (73,8%), além de liderar também os cursos de Licenciatura e Mestrado do segundo ciclo⁵.

Quando olhamos para as áreas de formação, segundo os dados da DGEEC, a maior concentração desses estudantes, em 2011-2012, esteve nas áreas das Ciências Sociais, Comércio e Direito, com 2.608 alunos, seguida pela área das Artes e Humanidades, com 1.040, e pela área da Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção, com 911 alunos. Visto que o Programa “Ciências sem Fronteiras” privilegia os cursos tecnológicos,

tendo a maioria das bolsas sido implementadas em Portugal nas áreas das engenharias, saúde e ciências da terra, podemos concluir que, para além do “Ciências sem Fronteiras”, o país tem se beneficiado de outros programas e/ou incentivos, os quais têm atraído, também, alunos brasileiros para áreas humanísticas.

De fato, segundo o Relatório Internacional “Percepções, Observações e Desafios”, encomendado pelo Conselho de Reitores à Associação Europeia das Universidades, e divulgado em fevereiro de 2013, é objetivo de Portugal atrair mais estudantes estrangeiros para o país, e não só os do espaço europeu, mas também os da América Latina e do continente asiático⁶. Isso vai de encontro ao que, em 2011, Fonseca e Hortas já haviam postulado, ao revelarem que, já naquela época, o país estava adotando medidas que tinham como objetivo estimular a internacionalização do ensino superior e da investigação.

A informação qualitativa recolhida no âmbito do Projeto THEMIS também vem nos fornecer alguns indícios do que pode estar motivando os estudantes brasileiros do ensino superior a escolherem Portugal.

A percepção de que o Brasil de hoje vive uma situação socioeconômica favorável foi uma das motivações mais referidas por esses estudantes:

“...com a nossa economia fervilhando e... está muito mais fácil pra você viajar pra fora.” (Mirtes, emigrou para Lisboa em 2010)

Aliado ao fato de, atualmente, a população brasileira possuir um maior poder de compra, fatores institucionais, como os convênios estabelecidos entre universidades brasileiras e estrangeiras, também têm contribuído para a operacionalização da mobilidade internacional dos estudantes brasileiros do ensino superior:

“Quando eu fui, que deu certo de eu ir, tinha na época um programa chamado Capes-GRICES, agora se não me engano é Capes-FCT. E nós conseguimos no ano de 2005 a aprovação desse convênio por dois anos. E esse convênio tratava de bolsas de estudos, pagas pelo Governo brasileiro, pra alunos de mestrado, doutorado ou pós-doutorado, pra ficar de três meses até um ano em Portugal, na Universidade de destino...” (Maria, emigrou para Aveiro em 2006)

Mais recentemente, outras iniciativas têm incentivado, ainda mais, os estudantes brasileiros a completarem seus estudos no exterior:

“...em 2009 foi um bum! Na nossa faculdade, foram várias pessoas, e aí foi quando teve a bolsa do Santander, que o Santander dava uma bolsa de, de... de quatro mil euros pra você passar os seis meses.” (Mirtes, emigrou para Lisboa em 2010)

Outro fator de motivação, também bastante referido, foi a facilidade para hoje se obter informações, por meio das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação:

“Eu tive contato primeiro com pessoas que foram. E aí, eu fui procurar no site da Universidade Federal Fluminense, como que era esse convênio e o que que era exigido.” (Mirela, emigrou para Évora em 2008)

Portanto, como já referia King (2002), essa forma de migração também pode derivar, entre outras motivações, das novas tecnologias. Aqui cabe introduzirmos um outro fator facilitador, o qual atua como intermediário entre o indivíduo e as instituições, que é o papel das Redes Migratórias. O fato de se ter contatos no país de destino, ou com pessoas que já lá estiveram, facilita muito a operacionalização da mobilidade:

“...decidi ir a Porto muito por ter... Essa menina que me ajudou, na carta falou que estudou no Porto e adorou o Porto, a conhecida da minha mãe que ia arrumar a casa morava perto do Porto e falou que a Universidade do Porto era maravilhosa na área de desporto.” (Lia, emigrou para Porto em 2009)

Isso, como já havia salientado Dreher Potvaara (citado por King *et al.*, 2010, p. 10), “reflete um axioma bem conhecido na teoria da migração, que é que os imigrantes tendem a ir a lugares ou países onde já existem imigrantes da mesma nacionalidade ou grupo étnico”. Para Haas (2010), o capital social, na forma de redes de migrantes, pode ser um recurso útil que permite às pessoas migrarem e, portanto, potencialmente, obterem acesso a outros capitais (econômico, humano e cultural). Também de acordo com Zamberlan *et al.* (2009, p. 75), “a existência desse capital social no país de destino é um fator poderoso, influenciando a decisão de quem vai ou não se mover”.

Mas motivações de ordem individual também podem ser responsáveis pela razão da escolha do país de destino. A falta de domínio em uma outra língua foi apontada pela amostra analisada como um dos fatores de maior relevância:

“...pra ir pra outro país qualquer, precisa provar proficiência na língua, e eu não tenho, não sei falar nenhuma outra língua a não ser português; assim, meu inglês é muito ruinzinho...” (Helena, emigrou para Évora em 2008)

“...eu tinha opção de ir pra Portugal ou para a Espanha, Portugal pra... pro Porto... Pro Porto, Lisboa e Coimbra, e Espanha pra La Coruña, mas na época eu não falava nada de espanhol...” (Estela, emigrou para Porto em 2010)

Foi interessante observar que a língua pode aparecer tanto como um fator de atração, quanto de repulsão, visto que os estudantes brasileiros entrevistados pelo Projeto THEMIS, os quais haviam emigrado para o Reino Unido, por exemplo, salientaram o fato de já terem o domínio da língua inglesa ou quererem aprender ou aperfeiçoar essa língua como o fator que os “atraiu” para um país que não falasse a língua portuguesa, “repudiando”, nesse sentido, a hipótese de irem para países de língua portuguesa (IORIO, 2012).

Mas para além da questão linguística, outros fatores de ordem pessoal que apareceram nos discursos desses entrevistados foram: “conhecer outras culturas” e “enriquecer o currículo”:

“Sempre quis morar fora, sempre quis estudar fora, pela infraestrutura, por todo assim... não só pelo estudo em si, mas pra conhecer outras culturas e outras coisas.” (Nilma, emigrou para Coimbra em 2009)

“...eu fui primeiro em busca de um diferencial no currículo.” (Mirela, emigrou para Évora em 2008)

“...eu vi que isso poderia ser uma coisa diferencial, podia representar um diferencial na minha firmação em relação a outras pessoas.” (Rômulo, emigrou para Porto em 2010)

O “conhecer outras culturas”, ainda mais quando o país de destino deixou uma herança histórica e cultural no país de origem, como é o caso de Portugal no Brasil, pode ser um grande estímulo à mobilidade. Almeida (2012) também já havia chamado a atenção para o fato de o fluxo de brasileiros que vão hoje estudar na França estar, em grande medida, relacionado à francofilia que emergiu de uma expressiva herança cultural francesa no Brasil.

Quanto ao “enriquecer o currículo”, tendo como base uma pesquisa da *National Union of Students*, no Reino Unido, King *et al.* (2010, p. 24) verificaram que 72% dos participantes consideraram “*ter melhores perspectivas de emprego*” uma das razões para seus projetos de mobilidade. Apesar disso, os autores consideram que “as evidências sobre o verdadeiro valor acrescentado de estudos no estrangeiro continuam a ser extremamente escassas”.

4. CONCLUSÃO

De acordo com a análise das fontes secundárias e das informações qualitativas recolhidas no âmbito do Projeto THEMIS, observamos que, apesar de a comunidade brasileira continuar a ser a mais representativa comunidade estrangeira em Portugal, de 2011 para 2012, houve um decréscimo no seu tamanho. Além disso, durante esse mesmo período, presenciou-se um aumento no número de pedidos de retorno voluntário à OIM. Por outro lado, desde 2006/2007 a mobilidade dos estudantes brasileiros do ensino superior para Portugal tem vindo a aumentar, e tudo indica que essa é uma tendência para continuar.

Segundo sugerem os dados obtidos por meio do THEMIS, fatores macroestruturais, como a situação socioeconômica desfavorável em Portugal, em contrapartida a uma situação socioeconômica favorável no Brasil, são os indicadores de ordem econômica que, por um lado, podem motivar o retorno da população imigrante em Portugal e, por outro, podem atrair uma nova vaga de imigrantes em processo de maior qualificação, os quais hoje, por possuírem melhores condições socioeconômicas no Brasil, podem enri-

quecer o currículo por meio de um intercâmbio acadêmico internacional (o que também pode ser visto como uma forma de se obter mais oportunidades de emprego no país de origem).

Mas tanto o regresso ao país de origem, como a disponibilidade para se tornar um “Estudante-Migrante” também contam com motivações de ordem individual. No primeiro caso, a motivação pode ser o anseio de se estar com a família, os amigos, e o desejo de voltar às origens (DEBIAGGI, 2004). No segundo caso, a falta de domínio de uma outra língua, aliada muitas vezes à vontade de conhecer outras culturas (ainda mais quando os países de origem e destino possuem heranças históricas e culturais fortes) são as motivações, de ordem pessoal, que podem fazer que muitos estudantes optem por Portugal.

Também as redes migratórias estabelecidas entre o país de origem e destino podem intermediar o contato com o país de acolhimento, funcionando tanto como um instrumento de atração como de repulsão. No entanto, é importante salientar que pessoas que já possuem altos níveis de capital econômico, humano e cultural serão mais capazes de migrar sem a ajuda dos outros, o que pressupõe que migrantes qualificados dependam menos das redes sociais do que os laborais, e pode explicar por que os últimos tendem a se aglomerar em cidades específicas e bairros (levados pelas redes) em oposição aos padrões dos primeiros, que são capazes de migrar de forma mais independente (HAAS, 2010).

Assim, apesar de o retorno ao Brasil ser voluntário, podemos dizer que, de certa forma, ele é impulsionado por questões socioeconômicas e individuais, e que, por outro lado, a dinamização da economia brasileira, onde se incluem os programas de incentivo à internacionalização estudantil, está provocando uma maior mobilidade dos seus estudantes, assegurando, entretanto, não só o retorno deles, mas também o de imigrantes de vagas anteriores.

REFERÊNCIAS

- ALMADA, P. Associação de Pesquisadores e Estudantes Brasileiros em Coimbra (APEB-Coimbra): Desafios e perspectivas para a imigração estudantil e política-científica em Portugal. In: *Atas do 1º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa*. Novembro. Barcelona: Facultat de Geografia i Historia Universitat de Barcelona, 2010.
- ALMEIDA, G. M. R. de. De estudante a migrante: percursos e percalços de brasileiros na França. In: *Atas do 2º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa*. Outubro. Lisboa: ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, 2012.
- ARANGO, J. La Explicación Teórica de las Migraciones: Luz y Sombra. *Revista Migración y Desarrollo*, p. 1-30, out. 2003. Disponível em: <<http://rimd.reduaz.mx/revista/rev1/JoaquinArango.pdf>>.
- BÓGUS, L. Migrantes Brasileiros na Europa Ocidental: uma abordagem preliminar. In: Patarra, N. (Org.). *Emigração e Imigração no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: FNUAP, 1995. p. 111-112.
- _____. Brasileiros em Portugal: Novos Movimentos Migratórios ou Volta às Origens? *Travessia: Revista do Migrante*, p. 16-19, jan./abr. 1997.
- BRAZILIAN Education & Language Travel Association (BELTA). *Estudo de Inteligência de Mercado para o Segmento de Estudos e Intercâmbio*. jun. 2009. Disponível em: <http://www.brasilnetwork.tur.br/brnetwork/opencms/bn/arquivos/Bureau/Intercambio/Inteligencia_Comercial_Bureau_Brasileiro_de_Intercambio.pdf>.
- BROOKS, R.; WATERS, J. Social Networks and education mobility: the experience of UK students. *Revista Globalisation, Societies and Education*, p. 143-157, mar. 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/14767720903574132>>.
- CARVALHO, J. O saldo dos fluxos migratórios internacionais no Brasil na década de 80: uma tentativa de estimação. In: PATARRA, N. L. (Coord.). *Migrações Internacionais Herança XX Agenda XXI*. Campinas: FNUAP, 1996. p. 217-226.
- CASTLES, S.; MILLER, M. J. *The age of migration international population movements on the modern world*. Houndmills; Macmillan, ed. 1993; 2008.
- COORDENAÇÃO de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Plano de ação da CAPES para expansão da formação de estudantes de pós-graduação, graduação e docentes no exterior. 2011. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/servicos/sala-de-imprensa/36-noticias/4604-capes-divulga-plano-de-acao-para-expansao-de-formacao-no-exterior>>.
- DEBIAGGI, D. Homens e mulheres mudando em novos espaços: Famílias brasileiras retornam dos EUA para o Brasil. In: DEBIAGGI, D.; PAIVA, J. (Org.). *Psicologia, E/Imigração e cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 135-164.
- FERREIRA, S. *Olhares Brasileiros sobre a Representação do Espaço Urbano de Lisboa*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, 2007. p. 31.
- _____. Empreendedorismo e Reprodução Social das Migrantes Brasileiras em Portugal: uma análise a respeito de seu papel na configuração espacial entre o país de acolhimento e o país de origem. In: *XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. Transformações na população brasileira: complexidades, incertezas e perspectivas. Anais [recurso eletrônico]. 19 a 23 de novembro de 2012. Águas de Lindoia: ABEP, 2012.
- FONSECA, M. L.; HORTAS, M. J. International Students in Portugal. In: *Canadian Diversity*, v. 8:5, p. 98-104, inverno 2011. Disponível em: <http://www.metropolis.net/pdfs/cdn_diversity_mobilestudnt.pdf>.

- FONSECA, M. L. et al. Scoping Study Report – Portugal. In: *THEMIS - Theorizing the Evolution of European Migration Systems*, 2010.. Disponível em: <http://www.imi.ox.ac.uk/projects/themis/publications#sthash.phWIRWxp.dpuf>
- GHOSH, J. *Migration and Gender Empowerment: Recent Trends and Emerging Issues*. Human Development Research Paper, UNDP, 2009.
- GÓIS, P.; MARQUES, J. C. Estudo prospectivo sobre imigrantes qualificados em Portugal. In: *Estudos Observatório da Imigração*, n. 24, novembro. Lisboa: Observatório da Imigração, 2007.
- GONÇALVES, M. O. B. *Desenvolvimento em Meio Rural – Contributos da Emigração e do Regresso. Aplicação ao Concelho de Boticas na Região Barrosã*. Tese (Doutorado), Departamento de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Aberta de Lisboa, Portugal, 2007.
- GRANOVETTER, M. Economic Action and Social Structure: The Problem of Embeddedness. *American Journal of Sociology*, v. 91, n. 3, p. 481-510, nov. 1985. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2780199?origin=JSTOR-pdf>.
- HAAS, H. de. The Internal Dynamics of Migration Processes: A Theoretical Inquiry. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 36(10), p. 1.587-1.617, 2010.
- IORIO, J. C. Estudantes Brasileiros em Portugal e Reino Unido: As alterações nos fluxos migratórios e o retorno. In: *Atas do 2º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa*. Outubro. Lisboa: ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, 2012.
- KING, R. Towards a New Map of European Migration. *International Journal of Population Geography* 8, p. 89-106, 2002.
- KING, R. et al. International student mobility literature review. HEFCE, nov. 2010. Disponível em: http://www.britishcouncil.org/hefce_bc_report2010.pdf.
- Malheiros, J. *Imigração Brasileira em Portugal. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI)*. Presidência do Conselho de Ministros, p.17, 2007.
- MARTES, A. *Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. São Paulo: Paz e Terra, p. 204, 1999.
- MARTÍNEZ, B. La reciente inmigración latinoamericana a España. *Serie Población y Desarrollo*, n. 40. CELADE: Santiago do Chile, 2003.
- MAZZA, D. A internacionalização dos processos formativos – a circulação de pessoas, saberes e práticas no campo das Ciências Humanas. In: *Anais do 32º Encontro Anual da ANPOCS, GT 25 Migrações Internacionais*, out. 2008. Disponível em: http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=2534&Itemid=230.
- OIM, Relatório Anual do Programa de Apoio ao Retorno Voluntário e à Reintegração (PRVR), Lisboa: Organização Internacional para as Migrações, 2012.
- PADILLA, B. Integration of Brazilian Immigrants in Portuguese society: problems and possibilities. Comunicação apresentada à 9th International Metropolis Conference, Genebra, 2004. (Publicada em *Socius – Working Papers*, ISEG/UTL, n. 1/2005.)
- _____. As Migrações latino – americanas para Europa: uma análise retrospectiva para entender a mobilidade atual. In: PADILLA, B. e XAVIER, M. (Org.). *Migrações*, n.5, Lisboa: Observatório da Imigração, 2009.
- _____. Integração dos «Imigrantes Brasileiros Recém-Chegados» na Sociedade Portuguesa: Problemas e Possibilidades. In: Machado, I. (Org.). *Um Mar de Identidades. A imigração brasileira em Portugal*. São Carlos: Ed. da UFSCar, 2006.

PEIXOTO, J. *As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macrossociológicas*. Socius Working Papers. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 2004.

_____. *Imigrantes Brasileiros e Mercado de Trabalho em Portugal*. In: MALHEIROS, J. (Org.). *A Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI/Observatório da Imigração, 2007.

ROCHA, F. *Noções de imigração e cultura na era da globalização: o caso dos estudantes brasileiros da Universidade de Coimbra*. In: *Atas do 1.º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa*. Novembro. Barcelona: Facultat de Geografia i Historia Universitat de Barcelona, 2010.

SALES, T. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez, 1995.

SANTOS, M. A. dos et al. *Migração: Uma Revisão Sobre Algumas das Principais Teorias*. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2010.

SAYAD, A. *O Retorno: elemento constitutivo do imigrante*. *Revista Travessia*, São Paulo, Centro de Estudos Migratórios, ano XII, v. 13, n. especial, p. 7-32, jan. 2000.

SEF - Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. *A Imigração de Estudantes Internacionais para a União Europeia: O Caso Português*. In: *Rede Europeia das Migrações, 2012*. Disponível em: <http://rem.sef.pt/PagesPT/DocsPT/EstudosNacionais/2012_imigracao_estudantes.pdf>.

SIQUEIRA, S. *Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno: Brasil - Estados Unidos*. Belo Horizonte: Argumentvm, 2009.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço é o Lugar. A perspectiva da experiência*. Rio de Janeiro: Difel, 1983.

ZAMBERLAN, E. et al. *Os estudantes internacionais no processo globalizador e a internacionalização do ensino superior*. Porto Alegre: Solidus, 2009.

Comunicações Orais:

PEDREIRA, Isabel; RORIZ, Cláudia. *Os Estudantes Estrangeiros Nacionais de Países da CPLP no Ensino Superior em Portugal: Contributos para uma Caracterização*. In: *Conferência Imigração de Estudantes Internacionais, 2012*.

Sites da Internet:

Instituto de Emprego e Formação Profissional - IEFP <<http://www.iefp.pt>>

Organizações da Nações Unidas - ONU <www.un.org>

Organização Internacional das Migrações - OIM <<http://www.oim.pt>>

Serviços de Estrangeiros e Fronteiras - SEF

NOTAS

¹ Uso o termo deslocamento temporário para distinguir o estado entre “voltar” para o país de origem ou “permanecer” no país de acolhimento. O deslocamento assume essa dualidade vivenciada pelos imigrantes/emigrantes quando o fator temporal dificulta a tomada de decisão para o retorno, isto é, quanto maior for o tempo no país de destino, menor a possibilidade do regresso.

² Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP).

³ Organização Internacional das Migrações (OIM).

⁴ Os brasileiros são a nacionalidade com o maior número de inscritos no Programa de Apoio ao Retorno Voluntário da OIM (PRV).

⁵ Disponível em: <http://www.sef.pt/portal/v10/PT/asp/agenda/agenda_detalhe.aspx?id_linha=6288>. Acesso em: 22 fev. 2013.

⁶ Disponível em: <<http://www.rtp.pt/programa/tv/p29908/c108439>>. Acesso em: 22 fev. 2013.